

2º Lugar

Pseudônimo: GABRIEL CHAVES

O SONHO DAS TARTARUGAS AZUIS

Edson Rodrigues de Moraes Filho
Faculdade de letras

Tal qual um viajante que, ao aproximar-se de seu destino, já começou a acalantar as malas no banco ao lado, ansioso por levantar-se e ter a certeza da chegada, eu fico aqui me questionando, tentando imaginar o que mais pode-me acontecer de significativo, além é claro de ser descoberto pelas autoridades competentes. Imagino-os entrando pela porta, rápida e devastadoramente, com a lista de todos os meus crimes, me levando sabe Deus para onde.

Não. A palavra ecoa na sala vazia. À noite deito de costas para o mundo e deixo as palavras sibilarem, escorrem, soarem como pequenos sinos. A linguagem não importa, o som é meta principal - reinvento o esperanto. Na insônia questiono os meus motivos e as minhas culpas enquanto me divirto com as palavras e as lembranças de outras vidas, tantas, tão distantes e ao mesmo tempo tão vivas e palpáveis quanto o corpo de seda branca e macia da filha dos meus atuais vizinhos, uma menina de belíssimos olhos azuis e impúberes que adora me visitar, eu, velho bobo e pedófilo, ora essa é muito boa, e o tempo encontra novas e melhores maneiras constrangedoras de passar.

Toda a minha vida se orientou por três frases - os fins justificam os meios, nada é tão ruim que não possa piorar e dias melhores virão. Três pilares para uma vida longa sem problemas cardíacos.

Como, me pergunto, como foi que tornei-me este animal de rapina, sem nenhum outro objetivo que não o de sobreviver? Vivo num permanente solstício de inverno, noites longas e febris, dias azuis, e insossos. Nada me surpreende. Assim, não estranho mais as car-

tas que brotam nos degraus dos prédios - árvores dão cartas, nada mais simples. Os vizinhos (e isso inclui o anjo de olhos azuis) são criaturas ensolaradas, saudáveis criaturas de Deus, crentes e antropófagos. Os que não acreditam na palavra do senhor, como eu, são magros e assustadiços - só assim não correm risco de vida. Já os crentes, estes são rosados, ricos, bem aventurados.

As cartas continuam a brotar nas escadas - contas, ninguém me escreve mais nada, só recebo contas e mais contas. Há que saber escolher o prédio em que se vive. Este só dá cartas com complexos malabarismos monetários querendo provar que você deve sua alma ao mundo.

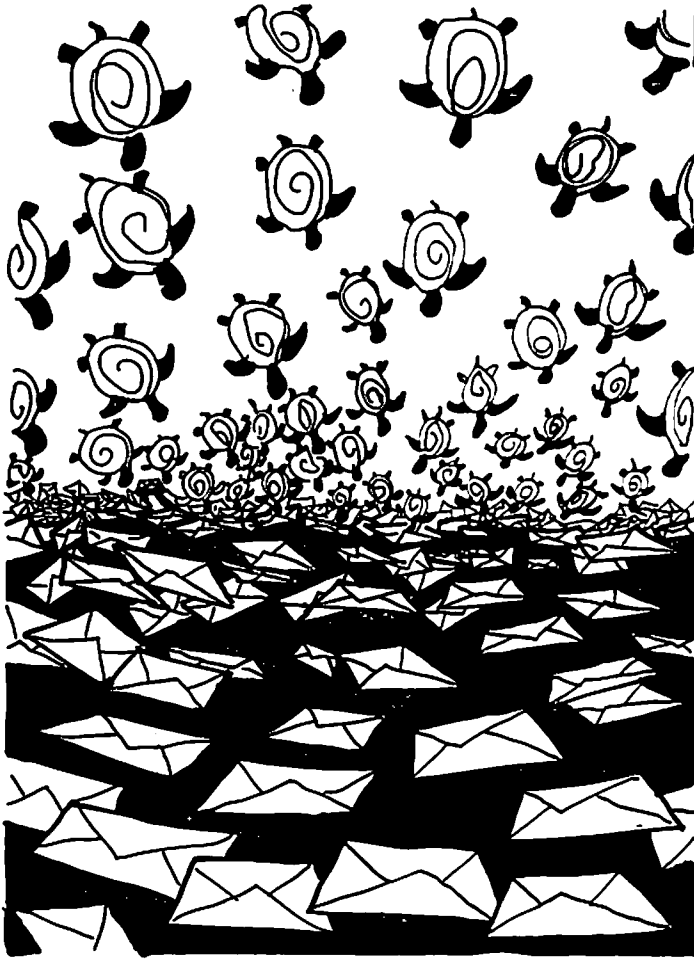
Acho que há um governo lá fora, não sei seu nome, nunca vi seu rosto, nem quero. Tanques passeiam paquidérmicos pelas ruas estreitas vigiando os guardadores de carros. Certas regiões estão em estado de calamidade pública há anos. Os guardadores de carros insistem em não deixar seus donos sequer se aproximar dos veículos. Guardarão os veículo æternum. Isso sim é motivo para guerra civil.

A zona norte de Belo Horizonte está infestada de crentes antropófagos. A lagoa da Pampulha secou. Às vezes vou ver o Daniel tocar seu trombone naquela imensa depressão lunar que se formou no lugar da lagoa, enquanto como sanduíches de pão com geléia e bafuco nesta máquina escrevendo aqueles artigos sobre cinema, de filmes que jamais irei assistir. Outras vezes levo também o único crente vegetariano da cidade, o Eider, que, pária entre os crentes, pinta paisagens do reino de Deus sobre cascos de tartarugas que ele mesmo cria em casa.

Daniel ditongos decrescentes de dor de dente. Belíssimas flores azuis brotam nas sacadas do meu prédio. Amanhã, sem falta, devo levar meu barbeiro ao proctologista. Nada pior que um velho barbeiro com hemorróidas.

Palavras. Tenho muitas delas. Devo gastá-las com o máximo de cuidado, pois elas andam em falta nos dias de hoje. Os jornais saem impressos com fotos e símbolos, pouquíssimas palavras, as notícias são ideográficas, ninguém sabe ler. Muitas folhas vazias. Acabam servindo de cobertor para os pobres de espírito. Diz o Eider que isso é um castigo de Deus. Uma nova Babel, ninguém se importa em entender o mundo alheio, cada um tem o seu mundo.

Enquanto Eider pinta suas tartarugas de azul, Daniel toca furiosamente seu trombone e eu troco frases comigo mesmo. Ocasio-



Gisele de Moura Siqueira

nalmente conseguimos manter um diálogo nesta imensa paisagem desértica que era a lagoa da Pampulha. Eider insiste em tentar me converter, eu seria, segundo ele, uma excelente alma se não fosse ateu. Seria inclusive uma excelente pessoa se não fosse à-toa. Olho enviesado para ele que atrás da longa barba bicolor exibe um sorriso quase santificado. Acho que ele não é vegetariano coisa nenhuma, deve fazer sopa de tartaruga todos os dias.

Tento me imaginar como ele, acreditando, mas não consigo. Pedro certamente faria algum comentário irônico a respeito. É pena, já faz cinco anos que não o vejo. Me atçou várias vezes - vamos embora, não temos mais futuro aqui - e eu, covardemente, me recusei a abandonar o barco. Aprendeu inglês, francês e alemão e foi-se para o Primeiro Mundo - o único, na minha opinião. Lembro-me, na época em que ainda lia alguma coisa que não fosse escrita por mim mesmo, de suas cartas maravilhadas e convidativas, dos recortes de jornal onde ele aparecia nos cantos das fotos, meio que por acaso, com aquela cara de testemunha ocular, de transeunte inocente e alheio aos acontecimentos, sempre nas margens da história, como nos atentados à bomba em Belfast, sei lá quantos mortos, uma foto pavorosa com mortos e feridos, bombeiros, fogo, confusão tremenda - e, lá no canto, o Pedro com as mãos no bolso, um livro debaixo do braço (filhodaputa, então foi você que levou meu livro autografado do Henry Miller!) e aquele olhar de quem está só de passagem, como ele mesmo sempre gostava de se declarar, uma criatura meio cigana e sempre em trânsito. Filhodaputa, jamais te perdoarei, aquele livro...

Acho que o mundo em que vivo, tão diferente daquele em que o resto da humanidade vive, o que de melhor posso fazer é não atrapalhar ninguém. Já provei carne humana e não gostei, jamais serei um crente. Vegetariano, então, nem pensar.

Eider mora no primeiro andar, ocupa todos os apartamentos, permanentemente inundados desde tempos imemoriais, altamente insalubres. Cria rãs, tartarugas enormes, uma variedade de vitórias-régias amazônicas, moluscos, orquídeas e carnívoras e um papagaio que era do Pedro, caduco, coitado. Nunca tive coragem de transitar por mais do que dois ou três quartos, e não consigo imaginar como alguém consegue viver em ambiente tão estranho, com a água pelo joelhos todo o tempo. Uma água escura, que não faço a mínima idéia de onde vem. Seus domínios me parecem maiores do que um

pobre mortal como eu possa imaginar.

Daniel tem certa consideração por ele, mas apenas por minha causa. Daniel, além de ateu, odeia crentes. Acha que eles começam comendo seu cérebro - enquanto você está vivo - com sua fala febril, ininterrupta, tão segura de si quanto um político em campanha, com o objetivo único de te transformar num zumbi para depois te engordar e zap! - passar a faca. Concordo em grande parte com o que ele diz, mas sinto uma vontade quase infantil de ajudar no Eider, algo pueril, simples, como eu já fui e gostaria de ter sido. Mas, como dizem, de boas intenções o inferno está cheio.

Se pareço apocalíptico, não é minha culpa, pois há quem diga que o mundo acabou e que não somos nada, um reflexo num espelho quebrado, uma lembrança confusa de um sonho ruim, um esquecimento de Deus no juízo final.

Não sei o que restou do mundo que conheci quando jovem e dificilmente saberei, pois logo após a Serra do Curral, onde Nova Lima deveria estar, surgiu um mar, e há quem diga que é o oceano Atlântico, enorme e devorador de almas, e, se há algo para além-mar, só as tartarugas que chegam aos milhares na praia da encosta devem saber.